



SABER *QUEER*: A ENCENAÇÃO DO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Margaret Almeida NEPOMUCENO¹

Este artigo tem a intenção de percorrer os territórios da Teoria *Queer* como campo de saber que propõem um novo esboço sobre as diferenças das identidades através de operações performativas de gênero, corpo e sexualidade. *Queer* é apresentado como possibilidade dos que cruzam as fronteiras fixas de gênero através de uma tecnologia de si, subjetivada através da corporalidade e da fluidez das sexualidades produzidas. Não se trata de analisar a sexualidade e o gênero dos “desviantes”, mas antes, de pensar o gênero à margem a partir de uma desconstrução política de categorias fixas e polarizadas entre sexo e gênero. Faço esta leitura a partir dos personagens do filme *Tudo sobre minha mãe*(1999), do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, como metáfora discursiva de gênero em diálogo com o pensamento pós-estruturalista e os estudos culturais pós-identitários.

Palavras-chave: teoria *queer*, gênero, performatividade, Almodóvar.

Quando Simone de Beauvoir, no seu célebre livro *O Segundo Sexo*, publicado em 1949, anunciou a máxima que ninguém nasce mulher, *torna-se* mulher, instaurou ali um processo epistemológico sobre a condição de gênero. Tentativa explicar a subordinação da mulher na sociedade moderna, propondo, teoricamente, largos passos no sentido de desconstruir a naturalização da identidade feminina. No entanto, esta fabricação estaria ligada a uma construção com fim próprio: o de ser mulher, o que acabaria reforçando as idéias fixas do binômio cristalizado de gênero. Neste caldeirão de feitura entrariam elementos constitutivos através de códigos essencializantes ligadas ao projeto feminino. Nesta receita do “tornar-se mulher” não poderia faltar ingredientes como a subjetividade, emoção, doçura, intuição, maternidade, ou seja, a natureza em própria manifestação.

A indagação que faço aqui não é “como se torna uma mulher ou como se torna um homem”? A questão que levanto é o que é uma mulher? O que é um homem? O que é gênero? O que é corpo e sexualidade? O que podem? Quais suas fronteiras e embaralhamentos? A identidade de gênero está subjugada a ordem “natural” do corpo sexuado? A sexualidade é um prosseguimento desta equação? Existe o “verdadeiro sexo”? Há algo além do binarismo homo/hetero, mulher/homem, vagina/pênis? Por onde então escapam os corpos? Onde estão os territórios de gêneros em trânsito? As sexualidades escorrem pelas fissuras de operações performativas?

Minha intenção é levantar as dúvidas, percorrer outros caminhos, observar os traçados em espirais e não mais em linhas retas, mas com alargamento de sensibilidades para perceber as dobras² que se desdobram em movimento *continuum* por onde passam gênero, corpo e sexualidade. Este é um convite para adentrarmos no universo da significação e resignificação dos “estranhos, esquisitos, anormais, bizarros, ex-cêntricos”.³ Um convite ao labirinto *queer*.

¹ Doutoranda - Programa Pós-Graduação em Sociologia –UFPB

² Utilizo o conceito deleuziano da dobra como metodologia de análise. Para saber mais ver Deleuze na obra *A dobra: Leibniz e o barroco*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papirus, 1991

³ Significações dadas à tradução da palavra *queer* para o português.

Antes de colocar o *queer* enquanto teoria inserida na história, lanço mão de uma imagem apresentada no filme *Tudo sobre minha mãe* para embaralhar e provocar outros sentidos:

O marido havia mudado. Ele colocara um par de seios maior que os dela. Fora o par de peitos, o marido não havia mudando tanto. Ela terminou aceitando-o. Ele passava o dia de biquíni mínimo, transando com tudo o que aparecia e fazia um escândalo se ela usasse biquíni ou mini-saia. Como pode ser machista com aquele par de peitos?! (Manuela, contando sua história em terceira pessoa para Rosa).

Esta é uma cena narrada pela personagem Manuela, a esposa que conta a história de Lola, um/uma travesti, seu então marido e pai de seu único filho, para Rosa, uma freira grávida também deste mesmo personagem. Lola, Manuela e Rosa encenam o território das ambigüidades de identidades presentes no filme “*Tudo sobre minha mãe*” (*Todo sobre mi madre*, 1999), do cineasta espanhol Pedro Almodóvar⁴. No momento, faço uma bricolagem da cena almodovariana como uma metáfora discursiva onde estão presentes as diferenças de gênero que se desfocam, borram, criam fissuras e abrem brechas para a presença dos *queers*.

A partir de uma imagem sensorial, a Teoria *Queer* se apresenta.

A teoria dos ex-cêntricos

As incertezas e instabilidades, o fluxo e a descontinuidade são as forças compulsoras que darão gás para que o *queer* se apresente enquanto teoria, capaz de fornecer substratos metodológicos de como pensar, refletir e abrir espaço para visibilizar territórios sinuosos dos que estão à margem das posições cristalizadas de gênero. O pensamento dicotômico não responde mais a explosão de identidades múltiplas, instáveis e multifacetadas em territórios das sexualidades. Ser homo ou hetero, ser homem ou mulher, ser feminino ou masculino, ter pênis ou vagina, todos estes elementos que sedimentam a “verdade” biologizante do gênero, do desejo e do corpo, parecem não mais corresponder à mesma velocidade com que escapam estas tentativas de conceituação e normatização do binarismo de análise teórica de gênero.

A cada momento mais saberes estão sendo inseridos no campo discursivo sobre gênero e sexualidade. As discussões ganharam mais pluralidade diante dos inúmeros personagens que encenam cotidianamente trajetórias que desafiam as fronteiras estabelecidas até então diante de gênero. Tanto a academia como os movimentos feministas, gays e lésbicos não correspondiam mais a dimensão das sexualidades polimorfos (Foucault, 2003). A visibilidade tornou-se pauta primeira nesta reivindicação de sair dos guetos e percorrer as passarelas em trânsito: gays, lésbicas, travestis, bichas-boy, transexuais, intersexuais, *crossdressers*, bissexuais, heterossexuais, assexuados, ursos, *barbies*, *butches*, *femmes*, *fairy queens*, *butch queens*, transgêneros, transexuais,

⁴ Pedro Almodóvar é reconhecido por sua filmografia que traz, além de outras, questões sobre a sexualidade com caráter de identidades subversivas. Para aprofundar nossa análise, recomendo a(o) leitor(a), além do filme citado, *A Lei do Desejo*, *Má Educação*, *A Flor do meu Segredo*, entre outros.

travestis, *drags queens*, *drags kings* mostram as caras, histórias, desejos e desafiam as próprias nomeações, que não conseguem dar conta dos significados múltiplos e passageiros de quem os vivencia.

A Teoria *Queer* ganha status de teoria diante de captação sensível do que acontecia nas ruas sociais, abrindo espaço inevitável nos estudos e pesquisas acadêmicas. Nos rastros desta inserção teórica. O *queer*, enquanto movimento, surge da necessidade dos movimentos gays e lésbicos, no final da década de 80, em questionar à heteronormatividade compulsória da sociedade. Nesta perspectiva, os sujeitos e práticas sexuais “desviantes” iniciam o debate na perspectiva de oposição e de contestação do binômio mulher/homem, homo/hetero, natureza/cultura, contrapondo processos de normatização de gênero, sexualidade e corpo aos quais foram submetidos, propondo, então, uma compreensão de uma estilística de si a partir de um movimento pós-identitário, ou seja, de novos espaços para identidades não fixas e anti-normalizadoras.

Nesta trajetória, as questões ligadas ao *queer* não estavam ligadas à tolerância ou à possibilidade de se sentirem integrados ao sistema vigente. O que o *queer* estava propondo é justamente a proclamação desta liberdade de ser e estar além das fronteiras, de poder reverberar as matizes de cor que possuem quando se fala em identidade.

O termo *queer* é utilizado pelos americanos de forma pejorativa para nomear homossexuais, o que no Brasil seria algo como “viado”, “sapatão”, “bicha”, como também quando se querem referir ao conjunto de gays e lésbicas.

O termo queer surge como uma interpelação que discute a questão da força e da oposição, da estabilidade e da variabilidade no seio da performatividade. Este termo tem operado como uma prática lingüística cujo propósito tem sido o da degradação do sujeito a que se refere, ou melhor, a constituição desse sujeito mediante este apelativo degradante. Queer adquire todo seu poder precariamente através da evocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos. (BUTLER, 2002, p.61)

Nesta brincadeira lúdica de confundir e performatizar suas práticas discursivas, o próprio termo *queer* ganha esta força.

A expressão, repetida como xingamento ao longo dos anos, constituiu-se num enunciado performativo que fez e que faz existir aqueles e aquelas a quem nomeia. Performativamente instituiu a posição marginalizada e execrada. A posição que teria de ser indesejada. No entanto, virando a mesa e revertendo o jogo, alguns assumiram o queer, orgulhosa e afirmativamente, buscando marcar uma posição que, paradoxalmente, não se pretende fixar. Talvez fosse melhor dizer buscando uma disposição, um jeito de estar e de ser. Mais do que uma nova posição de sujeito ou um lugar social estabelecido, queer indica um movimento, uma inclinação. Supõe a não-acomodação, admite a ambigüidade, o não-lugar, o trânsito, o estar-entre. Portanto mais do que uma identidade, queer sinaliza uma disposição ou um modo de ser e de viver. (LOURO, 2006).

Queer passa então a ser utilizado como um termo “guarda-chuva” que pudesse abrigar as múltiplas sexualidades “desviantes” que não se viam representadas nas

expressões gays, lésbicas e homossexuais. *Queer* então ganha este caráter de poder ser utilizado dentro de sua tradução literal: estranhos, esquisitos. “*Pode-se dizer que é um termo mobilizador, um verbo que desestabiliza, que perpetua a discordância com o normal, com a norma. Em uma palavra, são os considerados ex-cêntricos, os anormais*” (SPARGO,1999, p.53).

O termo também é reapropriado, principalmente nos Estados Unidos, nos estudos de gênero e passa a ser utilizado como teoria/estudos queer. As questões expandem-se a um estudo que desafia a noção de identidade fixa, que nega o essencialismo generalizado, na medida em que se organiza na performance de identidades plurais, que se constroem a cada dia.

As questões não são apenas pontuais, de uma política gay e lésbica, mais se amplia na perspectiva de se aproximar do pós-estruturalismo. Na sua composição teórica, o campo queer segue alguns pressupostos incluindo o modelo psicanalista de identidades descentradas e instáveis de Lacan, as desconstruções das estruturas e lingüísticas binárias de Derrida e o discurso, conhecimento e poder de Foucault. Mais do que proposições, desconstruções.

De acordo com Santos (2005), a teoria queer pode ser melhor compreendida em cinco diretrizes: 1- Identidades múltiplas, compostas por um número infinito de “componentes de identidades” que podem se articular de inúmeras formas: classe, orientação sexual, gênero, idade, nacionalidade, etnia, etc.; 2- Identidades construídas são arbitrárias, instáveis e excludentes, implicando o silenciamento de outras experiências de vida, obedecendo a imperativos estruturais de disciplina e regulação que visam confinar comportamentos individuais, marginalizando outras formas de apresentar o “eu”, o corpo, as ações e as relações entre as pessoas; 3- Identidades como categoria política: significado permanentemente aberto, fluido, passível de contestação, surgimento de diferenças, construção de cultura que acolha a diversidade; 4- Crítica a relação binária hetero/homo como categorias únicas de conhecimento, linguagem que estrutura aquilo que conhecemos sobre corpos, desejos, sexualidade e identidades, fortalecendo o atual regime que estrutura e condiciona as relações sociais ocidentais, considerando estas como pedras angulares das identidades sexuais; 5- Teorização geral sobre corpos, desejos, ações, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais.

Os/as teóricos/as queer constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/elas compartilham alguns compromissos amplos - em particular, apóiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; põe em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentrada ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas pragmáticas positivas; imaginam o social um texto a ser interpretado e criticado com propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes. (SEIDMAN, 1995, p. 125 apud LOURO, 2004, p. 39)

Um das contribuições dos estudos queer vem a ser no campo da articulação de gênero, sexualidade e subjetividades como processo de construção de subjetividades múltiplas, dando ao corpo um caráter próprio através da desnaturalização dos sexos

como verdadeiros, bem como a indução de seus desejos. É o chama de *queering*, o campo de estudos da teoria queer que tem como pressupostos a sexualidade como dispositivo, o caráter performativo das identidades de gênero; o corpo como biopoder, fabricados por tecnologias precisa. (BENTO, 2006, p. 81).

Os estudos queer abrem caminhos para a teorização das identidades à margem, da produção desta marginalização e através de Foucault instala uma discussão sobre o processo de enunciação sobre quem tem poder para falar sobre quem. O discurso gay e lésbico não responde a demanda crescente das sexualidades e gêneros que despontam variáveis discursos até então silenciados.

Já Bourcier (2001) reflete como o termo queer coloca em xeque a teoria da representação, não como o fim das identidades, mas na crítica às identidades hegemônicas, monolíticas, naturalizantes, essencialistas. Neste sentido, sua objetivação da identidade queer é a de permanecer “out” quando está “in”; guardando na memória as operações de corte e exclusão. Sua proposição é que a teoria queer veja o sujeito como mais do que uma opção de sexualidade variável; trata-se de ocupar uma posição queer, que assim procura nas dimensões políticas, os silêncios construídos em determinados contextos.

Utilizando o próprio significado, um dos “estranhamentos” que a teoria queer trouxe foi o foco de tensão com os movimentos gays e lésbicos, de onde surgiram, nas questões relacionadas ao sentimento de pertença a uma comunidade coletiva que compartilham sexualidades comuns. A dificuldade estaria na atuação política das identidades sexuais coletivas, questionando as ciladas da igualdade e também da diferença. Acabaria então, entrando em polêmica com os processos de essencialização de identidades.

A mesma teoria queer tem sido criticada por suas abstrações, sua fetichização do discurso e aparente desprezo pelo mundo. Estas críticas se repetem nas formuladas contra as teorias pós-estruturalistas e pós-modernas em geral(...). Há quem opina que suas credenciais intervencionistas-políticas, intelectuais e sociais - estão debilitadas devido a tendência a centrar-se na transgressão e na diferença como metas em si mesma. Em alguns textos queers, esta propensão em apresentar o gênero e identidade como algo quase que exclusivamente negativo que aprisiona as estruturas ou conceitos, tem sido objeto de críticas e alguns críticos apontam que os queers devem mais a identidade gay masculina do que estão dispostos a reconhecer. (SPARGO, 2004, p.80)

As resistências dos movimentos gays e lésbicos podem ser conferidas no relato de Gamson (apud BENTO, 2006) sobre um debate na sessão de cartas do *Semanário San Francisco Bay Times*, de 1993, sobre o termo queer e a sua devida utilização. As cartas revelam a dificuldade das comunidades gays e lésbicas aceitarem os bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis dentro da mesma política que incorpora os queers, ou seja, não aceitavam ser “gatos do mesmo saco”.

Numa das cartas relata um homem gay:

Queer não é uma palavra com a qual me identifico porque não define quem sou nem representa o que penso(...). Sou um homem que se

sente sexualmente atraído pelas pessoas do mesmo gênero sexual. Não me sinto atraído por ambos os gêneros. Não sou uma mulher aprisionada em um corpo de homem, nem um homem aprisionado em um corpo de mulher. Não gosto nem tenho necessidade de vestir-me com roupas do sexo oposto. E não sou um “heterossexual queer”, uma pessoa heterossexual que se sente aprisionada nas convenções da expressão sexual normativa (...). Não quero ser incluído no guarda-chuvas queer, que engloba tudo.(apud GAMSON, 2002, p. 155, apud BENTO, 2006, p.84)

Todo o incomodo parte da transgressão da teoria queer em desestabilizar as identidades estáveis. Não só as questões políticas em defesa da coletividade que representam, com seus ganhos de inclusão e direitos sociais, mas o próprio questionamento desta política de integração, que, apesar de se representar pela diferença, ainda caminha na trilha de um poder estabilizador de uma cultura normativa. Um alerta para que não se caia na armadilha de se tornar cúmplice do sistema contra qual estão subvertendo. Os pólos heterossexualismo/homossexualismo estariam abalados pelos meios desconstrutivistas, que empreendem mudanças epistemológicas que rompem com o binarismo de gênero e sexualidade. Para Seidman (1995, p. 126 apud LOURO, 2004), *“permanece intocado o binarismo heterossexual/homossexual como a referência mestra para a construção do eu, do conhecimento sexual e das instituições sociais”*.

A teoria queer denuncia os efeitos de exclusão, de hierarquia, de classificação e dominação que continua sob a luz da identidade “outra(s)” negada, da qual não sou e não pertença. Para Félix Guatarri há sempre um arranjo que tenta prever tudo o que possa ser da natureza dissidente do pensamento e do desejo. Para ele, é uma tentativa de eliminar os processos de singularização. *“Tudo o que surpreende, ainda que levemente, deve ser classificado em alguma zona de enquadramento, de referenciação”* (2005, p. 52).

Aproximando-se do pensamento de Guatarri, se encontra a leitura de Tomás Tadeu Silva (2000) sobre a linguagem como sistema de significação que dá sentido a identidade e diferença, proposta de Jacques Derrida. A definição discursiva e lingüística de identidade e diferença é sempre uma relação social e, portanto, sujeita às relações de poder, de imposição e de disputa. O discurso heterossexual e falocêntrico produzem uma imposição pelos bens simbólicos e materiais da sociedade, afirmando uma relação assimétrica. Onde existir a diferenciação, uns melhores do que outros, uns diferentes dos outros, uns acima, outros abaixo, bons e maus, normais e anormais - haverá aí processo da formação do que é identidade e do que é diferença, indicando as posições de sujeito, do que separa o “eu” do “outro”.

Performances e paródias: a encenação dos corpos

Como a teoria queer encena nos corpos? O que é o gênero? Pode haver gênero sem sexo? Qual articulação entre sexualidade, sexo, gênero e desejo? Recorro mais uma vez à película do cineasta Pedro Almodóvar, propulsor narrativo destes questionamentos. Segue as falas do personagem Agrado, travesti amigo de Manuela, personagens do filme já mencionado, apresentando sua autenticidade através de uma tecnologia elaborada na qual constrói o corpo, revelando assim, a experiências de

margem através de uma performance transgressora que desestabiliza as “verdades” sobre as políticas determinantes do corpo, do gênero e das subjetividades.

Me chamam de Agrado, porque toda a minha vida sempre tento agradar aos outros. Além de agradável, sou muito autêntica. Vejam que corpo. Feito à perfeição.(...) Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, senhora. E nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma.(Agrado durante sua apresentação no palco do teatro)

Autenticidade, palavra que escorre entre os silicones e a fluidez das transformações que modelam nossa corporalidade e identidades pós-identitárias seja, aquelas que buscam a antinormalização, escapando dos binarismos e rigidez das identidades tidas como fixas e imutáveis. Ser autêntica, o maior orgulho de Agrado, se encontra neste devir. Na possibilidade do tornar-se, do recriar-se, das escolhas do ser-estar no mundo. Esta estratégia pode ser entendida pela feminista e teórica de gênero Judith Butler como “performance”, ou seja, identidades de gênero fabricadas, manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos.

os atores estão sempre no cenário, dentro dos mesmos termos da performance. Assim como uma trama pode ser representada de múltiplas formas, e assim como uma obra requer, ao mesmo tempo, texto e interpretação, o corpo sexuado faz sua parte em espaços culturalmente definidos e leva adiante as interpretações dentro dos limites já existentes. (BUTLER, p.308, 1998)

É como se, através de sua “performance”, fosse desnaturalizada a coerência entre sexo e gênero, ao mesmo tempo que é revelado “a farsa” de uma identidade primária sobre a qual molda-se o que se entende por masculino e feminino. Este seria o sentido da paródia, que desconstrói o “natural” do “falso” através da ilusão que demonstra ter a aparência. O travesti, o transexual, os transformistas, as *drags queens* brincam com a distinção entre a anatomia do performista e o desejo do gênero que se deseja performatizar. Para Butler, a “verdade interna” do gênero não passa de um ato performático inscrito na superfície do corpo. “Então, parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária estável” (2003, p. 195),

Pode-se dizer de Agrado que sua essência interna é masculina enquanto a aparência externa é feminina, como também a sua inversão, onde o seu corpo é masculino (como por exemplo, a existência do pênis), enquanto seu eu interno é feminino. Ou ainda o próprio hibridismo, ter no corpo a própria mistura (pênis e seios), como também a mudança de sexo e a negação essencializada na identidade intrínseca de seu gênero, que perpassa comportamentos ora definidos como masculinos, ora como femininos.

Quando se nasce, através do sexo que se carrega no corpo, é instaurada uma determinação ou direção de nossa sexualidade e gênero. Quando se nomeia o recém-nascido como menino ou menina, se instaura ali uma invocação performativa, que produz uma decisão social sobre o corpo e assim, todo um processo que o irá defini-lo

como masculino ou feminino. Estas características físicas e biológicas serão marcadas pela diferença, produzindo significados culturais estruturados na performance que determina o gênero.

Para Beatriz Preciado (2002), antes mesmo deste corpo nascer, ele já adquire expectativas que irão gerar sua performance de gênero através de precisas tecnologias sociais. Dentro da barriga da mãe, através de um exame de ecografia, já se pré-escreve o “destino” deste corpo, em seu gênero e seu desejo. Roupas azuis ou rosas, carrinhos ou bonecas, todo um movimento de gênero pré-discursivo está sendo gerando. Na opinião de Preciado, este efeito não é apenas performativo, mas protético, na medida em que cria corpos, desfazendo o laço do corpo com a natureza para o corpo-tecnologia e então, seus gêneros como produto da fabricação dos corpos sexuais. Na compreensão de Preciado, os corpos já nascem operados pelo investimento cultural.

Já operados, logo se fixa à equação: sexo=gênero=sexualidade. Desta maneira, o sexo é construído como um dado imutável, a-histórico e binário, determinando o gênero, masculino e feminino, como também uma única forma de desejo, no caso a heterossexualidade. Este é um caminho linear que precisa ser regulado e cumprido através de normas, para que não haja possibilidade de ultrapassar as fronteiras estabelecidas no processo de masculinização e feminização.

Quando se fala em controle e vigilância, se fala em Michel Foucault (1979) e as discussões da sexualidade. Sua análise vai mostrando como os sujeitos da cultura ocidental são sujeitados a uma rede de relação de poder, esta entendida como uma estratégia complexa construída por uma sociedade. Através de uma economia política do corpo, Foucault mostra como este corpo é o alvo privilegiado dos mecanismos das relações de poder e da materialidade, isto é, experimentações de variedades de operações simbólicas e materiais. Para tanto, o corpo deve fazer-se “dócil” e submisso.

É na sexualidade por onde as práticas discursivas ganham maior força na cultura moderna, sujeitas no controle da norma e produzida pelos discursos da verdade. A cultura ocidental seria então, "sexo-cêntrica", que inventa uma ciência da sexualidade como o lugar da auto-revelação e da verdade sobre si mesma. Por que esta sexualidade preocupa, por que fazer dela uma questão, por que através dela nos tornamos sujeitos sexuais, são perguntas que estão diretamente ligadas à produção das relações de poder e da manutenção da ordem identitária. (FOUCAULT, 1998)

Normalizar as subjetividades, as identidades, a construção da sexualidade. Normalizar significa hierarquizar, valorar, eleger “algo” como a referência, o padrão, o modelo a ser seguido. Neste sentido, a sexualidade “normal” é a “natural”, a que deve ser seguida e nunca questionada. Não há possibilidades de variáveis de identidade, mas a consolidação “da” identidade, esta manifesta pelo poder do falo, ou seja, masculina, de uma heterossexualidade compulsória.

Quando a personagem Agrado define sua autenticidade pela perfeição da construção do seu corpo, pelos litros de silicone, pelas inúmeras cirurgias, podemos perceber que o eu deixa de ser entendido como uma decorrência da natureza. Não foi um dado recebido, concedido, mas feito à perfeição, um construto social e político de uma escolha, de um devir permanente de identidades que se exteriorizam na própria pele.

Podemos dizer ainda que Agrado paradoxalmente está inserida no assujeitamento, pois mesmo recusando o seu corpo biológico, dito “natural”, deseja um corpo de mulher normativo como dita a imagem feminina da cultura atual. Desta maneira, o personagem almodovariano se situa no paradoxo estratégico da situação binária de gênero. Agrado se expõe no palco buscando mesmo que transgressivamente produzir um corpo “espetacularizado”, dentro do poder regulador das relações de gênero.

A única coisa verdadeira que tenho são meus sentimentos e os litros de silicone que pesam horrores.(Fala de Agrado para Manuela)

Foucault (2004, p.82) já se perguntava: “*precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?*” Não há como negar que os desejos “vazam” as normas, cruzam as fronteiras, apesar de todo esforço pedagógico para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade “legítima”. Se existe uma matriz da identidade heterossexual e suas definições sobre o que é um homem e uma mulher, há conseqüentemente, o seu espelho invertido, aquilo que não corresponde à “verdade”. Neste caso, o sistema de poder sobre os corpos e os desejos, paradoxalmente, oferece o caminho à transgressão, à subversão da ordem do “verdadeiro sexo”. Como na fala de Agrado, são seus sentimentos e seus litros de silicones que inscrevem no corpo a sua história, a sua experiência corporificada. No seu caso, a natureza está no seu desejo, que se expressa no silicone, para muitos, o deslocamento; para o personagem, o mais legítimo de si.

Neste desvelamento está à discussão do corpo como artefato tecnológico no qual se inscrevem os gêneros. Teresa de Lauretis (1994) aponta as “tecnologias” como procedimentos e técnicas sociais que produzem a sexualidade tal como a vivemos, em um mundo de representações urdido pelos discursos, imagens, saberes, críticas, práticas cotidianas, senso comum, artes, medicina, legislação. Todo corpo contém virtualidades de outros corpos que podem ser revelados através da simbólica da sua estética, da sua subjetividade e de seus afetos e desejos. A materialidade plástica do corpo é uma matéria-prima possível de redefinição, de modelamento, um objeto transitório, manipulável, remanejável, onde se exhibe uma identidade escolhida.

Para Le Breton, antropólogo francês, esta é uma forma de como o corpo atua na multiplicação de encenações para sobre-significar sua presença no mundo, o que exige trabalhar constantemente este corpo a fim de aderir em si, uma identidade efêmera, multiplicando os signos de sua existência na visibilidade do seu corpo. “*O corpo tornou-se a prótese de uma busca de uma encenação provisória para garantir um vestígio significativo de si*” (BRETON,1999, p. 29) . Se é na pele que se encontra o mais profundo⁵, as subjetividades destas identidades são o esforço constante de se colocá-las na exterioridade, fora de si mesmo, onde a superfície é quem indicará a sua interioridade.

O Agrado almodovariano não precisa de ocultamento de suas escolhas afetiva, sexual, corporal, emocional ou erótica, porque se abre a multiplicidade de articulações de diferenças individuais, colocando em questão toda a identidade fixa e imutável,

⁵ “Na arte e no amor, o mais profundo é a pele”, parte do poema francês de Paul Valéry

desconstruindo, desestabilizando a categorização que divide o mundo no feminino e no masculino. Para a teórica Tânia Navarro Swain, a ambigüidade queer, no sentido aqui proposto, não é somente uma sexualidade alternativa.

(...) mas um caminho para exprimir os diferentes aspectos de uma pessoa, um espaço também, para a criação e a manutenção de uma polimorfia de um discurso que desafia e interroga a heterossexualidade. Neste sentido, a identidade não é o sexo, não é a sexualidade, eu não sou um ser generizado ou desviante da norma, EU SOU EU (...). Uma percepção do corpo como um todo de sensibilidade e de sensualidade, uma desestabilização da sexualidade centrada nos órgãos genitais, uma abertura para a emoção que atravessa os olhares, seria uma nova erótica social? Identidade sem limites e sem definições. A âncora está partida, o apelo do largo nos traz o gosto da descoberta (SWAIN, 2001, p. 87-98).

A presença da Teoria Queer nos estudos feministas e de gênero, referencia estes “personagens” nas telas da vida cotidiana, articulando relações entre sexo, gênero e desejo.

(...) há uma transsexualidade microscópica presente por todo o lado, que faz que a mulher tenha em si tantos homens, e o homem mulheres, capazes de entrar, uns com os outros, umas com as outras, em relações de produção de desejo que subvertem a ordem estatística dos sexos (DELEUZE & GUATARRI, 1976, p. 308).

Para os pensadores pós-estruturalistas, como G. Deleuze e F. Guatarri, o desejo é que transgride a norma. Almodóvar então, produz sujeitos que não são mais guiados pelos destinos dos seus corpos “naturais”, mas pelo devir do desejo, da reinvenção de si, onde torna em fluxo a relação do masculino e do feminino como produtos de produção permanente. Embora, esta relação não escape da regulação social, dos jogos de poder e dos assujeitamentos destes discursos.

Como pode ser machista com aquele par de peitos?!(Manuela questionando o comportamento do seu então marido, Lola, travesti)

O questionamento da personagem Manuela sobre o comportamento de seu ex-marido é uma metáfora discursiva referida por Almodóvar que nos faz pensar nos equívocos de exigência para com os queers, no caso específico, o travesti Lola, tenha comportamentos “naturalmente” subversivos. No caso do discurso de Manuela, a indagação de como um homem com enormes par de peitos pode ser machista, nos faz refletir sobre o que se espera de um transgressor de padrões normativos, no caso o travesti, que paradoxalmente compartilha com os mesmos sistemas simbólicos socialmente significativos de gênero, como o machismo.

Os peitos de Lola nada impedem de reproduzir a leitura masculina que culturalmente foi apreendida. A questão é: a experiência corporal subversiva desnaturaliza a identidade de gênero? De acordo com Berenice Bento (2003), para terem mais segurança no processo de inserção no mundo do outro gênero, alguns/umas tentam reproduzir o modelo da mulher submissa e do homem viril, pondo em destaque traços hegemônicos dos gêneros.

Esta reprodução estereotipada de gênero está associada à relação das práticas discursivas ao modelo institucional e socializado da produção cultural em que estão inseridos. É a identificação ainda direta com o gênero que foram preparados para atuar no campo social. Como se cobram incorporações determinantes de um homem ou mulher de “verdade”, assim também recai o mesmo peso ao que seria um travesti de “verdade”.

Para a Teoria Queer é importante abrir fronteiras também a esta questão. Ninguém é um queer da mesma forma que outro sujeito o é, nem necessariamente precisa estar associado a padrões que identifiquem a subversão. A vivência do gênero com o qual se identifica passa por processos de aprendizado, de interiorização, de uma construção pessoal de suas performances. Libertar-se dos apegos que os credenciam como “legítimos”, seja no comportamento normativo seja como transgressor, necessita de uma liberdade além da educação de um gênero rejeitado às novas incorporações do gênero escolhido e desejado. Para tanto, não basta apenas escolher corpos e gêneros, mas antes, ter uma atitude sociopolítica frente à vida, resignificando seu lugar de ser e estar no mundo, indo além das fronteiras limitantes que as antinomias e as polaridades rígidas produzem e estabelecem. Ser livre é um estado fluido e em constante processo, sem fim nem começo. *Um continuum*. É que parece querer esta tentativa queer.

Referências:

- BENTO, Berenice. *Transexuais, corpos e próteses*. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/corpo.htm>: Labrys - Estudos feministas, número 4 agosto/dezembro 2003.
- _____. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256p. (Coleção Sexualidade, gênero e sociedade).
- BEAVOUIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, 309p.
- BOURCIER, Marie-Hélène. *Le Queer Savoir*, in *Queer zones – politiques des identités sexuelles, des représentations et des savoirs*. Balland, Paris, 2001.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 236p.
- _____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes(org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.151-172.
- _____. *Criticamente Subversiva*. In: JIMÉNEZ, Rafael M, Mérida(org.). *Sexualidades transgresoras: uma antologia de estudios queer*. Barcelona: Icaria, 2002
- _____. Gênero, trajetórias e perspectivas. Cadernos Pagu. *Trajetórias do gênero, masculinidades*. Campinas: Pagu, 1998. n.11.
- BRETON, David Le. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003. 240p.
- DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papyrus, 1991
- _____. GUATARRI, Félix. *O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa; Assírio & Alvim, s/d., 1976, 430p.

- _____. GUATARRI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. 120p. (Coleção TRANS).
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização: Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos & Escritos III) 79p.
- _____. *Ética, sexualidade e política*. Organização: Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos & escritos V.)322p.
- _____. *Microfísica do Poder*. Tradução e organização: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295p.
- _____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Vol.1. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque & J. A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 152p.
- GOLDMAN, Ruth. *Who is that Queer?: exploring norms around the sexuality, race and class*. In: Brett BEEMYN, Brett, ELIASON. *Mickley -Queer Studies*. New York: New York University, Press, 1996.
- GUATARRI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 436p.
- LAURETIS, T. *A tecnologia do gênero*. In Hollanda, H.(org), *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, 313p.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96p.
- _____. *O “estranhamento” queer*. In: ANAIS do Seminário do Fazendo Gênero VII. Florianópolis, 2006. ISBN: 85-50158-1
- PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidade sexual*. Madrid: Pensamiento Opera Prima, 2002.
- SANTOS, Ana Cristina. *Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva*. Universidade de Coimbra-Portugal.
- SEIDMAN, Steven. *Deconstructing Queer Theory or the Under-Theorization of the Social and the Ethical*. In: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN, Steve(Orgs). *Social Postmodernism. Beyond identity politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 116-141.
- SILVA, Tomaz Tadeu da.(org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 133p.
- SPARGO, Tamsin. *Foucault y la teoría queer*. Título original: *Foucault and Queer Theory*. Tradução em espanhol: Gabriela Ventureira. Barcelona: Gedisa, 1999. 89p.
- SWAIN, Tânia Navarro. *Para além dos binários: os queers e os heterogêneos*. Niterói, v. 2, n.1, p. 87-98, 2. sem. 2001

FILME:

TUDO SOBRE minha mãe. Direção: Pedro Almodóvar, Espanha, 1999. 1 DVD (101 min.), color, legendado.

